



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

“COMO, LOGO RESISTO”: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA



Vitória da Conquista, Bahia
2025



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DIOGO NUNES DE CARVALHO

Figura 1- Baiana do Acarajé - patrimônio cultural imaterial do Brasil



Fonte: br.pinterest.com

*MANUAL PARA
AUXILIAR NA PRÁTICA
DE SEQUÊNCIA
DIDÁTICA
NO ENSINO DE
HISTÓRIA*

Trabalho apresentado como Produto Final do Mestrado Profissional em Ensino de História, ProfHistória/Uesb, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Santos de Souza

Vitória da Conquista, Bahia
2025

C322c

Carvalho, Diogo Nunes de.

“Como, logo resisto”: uma proposta de sequência didática para o ensino de história / Diogo Nunes de Carvalho, 2025.

25f. ; il. color.

Orientador (a): Dr. Ricardo Alexandre Santos de Sousa.

Produto educacional (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em

Ensino

de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 25

1. Alimentação - História. 2. Resistência. 3. Escravidão. 4. Educação antirracista.. I. Sousa, Ricardo Alexandre Santos de. II. Universidade Estadual do

Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória.

III. T.

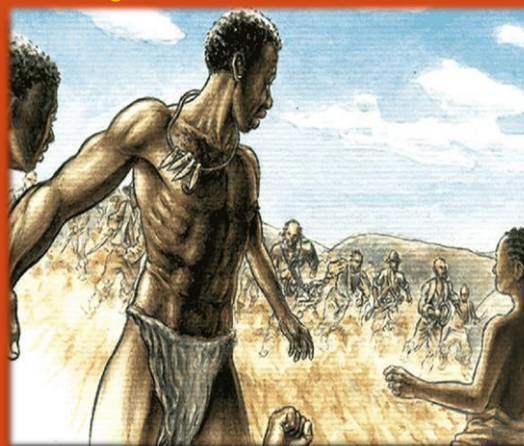
CDD 907

Apresentação

Ao Educador:

“A proposta didático-pedagógica é uma Sequência Didática (SD) que utiliza receitas de alimentos ancestrais que simbolizam a resistência do povo negro, não apenas à escravização, abolida há quase 140 anos, como às consequências que esse processo originou, especialmente o racismo, nas suas mais distintas manifestações, que ainda hoje, discrimina os descendentes daqueles que foram escravizados.

Figura 2 – Zumbi dos Palmares



Fonte: <https://super.abril.com>

O material pedagógico produzido irá além da preocupação de ensinar lista de ingredientes e/ou métodos de preparo, pois, também irá se preocupar em responder alguns questionamentos como: Qual a narrativa histórica por trás desse alimento? Como ele é representado socialmente? Qual (ais) voz(es) essa comida representa?

A proposta de SD permitirá aos estudantes do ensino médio compreender como o ato de se alimentar pode simbolizar uma memória ancestral, constituir identidades e representar uma estratégia de resistência à escravização do povo negro ao longo da segunda metade do século XIX.

Para além dessas dimensões, a SD valoriza as contribuições da cultura alimentar dos povos africanos na formação da culinária popular brasileira, destacando essas influências e dando visibilidade à obra ‘A Arte Culinária da Bahia’, do intelectual baiano Manuel Querino.

As atividades propostas contribuirão para que os estudantes negros reconheçam e valorizem sua afrodescendência, favorecendo a construção de suas afro-identidades e o fortalecimento da consciência racial crítica. Esses elementos são fundamentais na luta pelo cumprimento dos direitos constitucionais e no enfrentamento das desigualdades raciais no Brasil.

Figura 3 – Imagem da antropóloga Lélia Gonzales



Fonte: Instituto Lélia Gonzales

A antropóloga e filósofa brasileira Lélia Gonzalez afirma:

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora” (Barreto, 2019), ressaltando que a construção da identidade negra é um processo contínuo, marcado por resistência, consciência histórica e racial, pela própria afirmação, que o ensino de história deve oferecer.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Baiana do Acarajé – patrimônio cultural imaterial do Brasil.....	2
Figura 2 – Zumbi dos Palmares.....	3
Figura 3 – Imagem da antropóloga Lélia Gonzales.....	3
Figura 4 – Culinária africana.....	5
Figura 5 – Fontes históricas.....	5
Figura 6 – Consciência Negra.....	6
Figura 6 – Educação Antirracista.....	7
Figura 7 – A arte culinária na Bahia.....	8
Figura 8 – Educação antirracista.....	8
Figura 9 – Planejamento BNCC.....	9
Figura 10 – Quebra cabeça.....	14
Figura 11 – Alimentação e representações sociais.....	15
Figura 12 – Sugestão de atividades.....	17
Figura 13 – Obra A Arte Culinária no Brasil.....	18
Figura 14 – Retrato de Manuel Querino	20

A história também pode ser entendida através da evolução dos hábitos e costumes alimentares. Além de ser parte importantíssima da sobrevivência material da espécie, a alimentação está ligada a questões culturais e religiosas, a distinções sociais, étnicas, regionais e até de gênero, a problemas ambientais, ao desenvolvimento econômico, às relações de poder e a tantos outros assuntos que demandam a atenção dos historiadores. (Ramos, 2010, p. 95).

Figura 4 – Culinária africana



Fonte: iFood

A alimentação é fonte valiosa para o ensino de história, ao permitir que este esteja vinculado à realidade vivenciada pelos estudantes, tanto no sentido temporal como no espacial. O tema é comum a toda comunidade escolar, independentemente de condição cultural ou religiosa. Os estudantes poderão compreender as suas realidades históricas de forma clara, podendo agir de forma historicamente consciente.

O ensino de história, imbuído do tema alimentação, se apresenta como fonte e linguagem alternativas, a serem utilizadas em sala de aula pelos professores, com grande possibilidade de atrair e manter o interesse dos estudantes ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Sobre a importância da diversificação do uso de fontes e linguagens nas aulas de história:

Figura 5 – Fontes históricas



Fonte: YouTube

O uso de diferentes fontes e linguagens no ensino de História tem contribuído não só para ampliar o campo de estudo da disciplina, como estabelecer um novo conceito de ensino-aprendizagem, tornando o processo mais dinâmico, significativo e prazeroso. (Medeiros, p.60-61, 2005).

O ensino da história se constitui na formação do pensamento histórico dos alunos para que estes sejam capazes de interpretar o passado a partir do presente, isto é, o objetivo maior do ensino da história é desenvolver nos alunos uma consciência histórica, que nada mais é que “operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (Rüsen, 2001, p. 57).

Ainda em relação à construção da consciência histórica dos alunos, o que dialoga diretamente com a construção da consciência racial e, por conseguinte, com a própria educação antirracista, há uma divergência entre alguns autores em relação a esta ser uma característica natural que todo indivíduo vai possuir, ou se ela é uma condição adquirida a partir o processo de aprendizagem, sendo, portanto, uma competência que, infelizmente, nem toda a sociedade desenvolve ao longo da vida.

Figura 6 – Consciência Negra



Fonte: UFC

A SD proposta se baseará na teoria de uma referência nesse campo de pesquisa, o historiador e filósofo alemão Rüsen, que compreende o exercício da consciência histórica como um processo de aprendizagem histórica, em outras palavras, o ato de interpretar a experiência do passado para compreender o presente e perspectivar o futuro de modo a orientar as ações na vida prática, pode ser caracterizado como a geração de um aprendizado histórico (Rüsen, 2001).

Mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle: a transformação, através do presente, do que está por vir no que já foi vivido, continuamente. Embora seja teoricamente imaginável estar na corrente temporal sem atribuir sentido a ela, não é possível agir no mundo sem essa atribuição de sentido; como deixar de agir também parte de uma interpretação, na prática também não há opção de atribuir ou não significado ao tempo que passamos ou que passa por nós (Cerri, 2001). Para Rüsen (2001), antes de ser estudada, ensinada ou aprendida, a consciência histórica é algo relativo à própria historicidade humana, é própria da nossa constituição quanto indivíduo.

É importante salientar que essa consciência só existe enquanto indivíduo que vive em grupo, pois é alicerçada em critérios comparativos, referenciais, sendo a percepção do tempo apenas coletiva, o que não significa que a consciência histórica não se preocupe com a formação das identidades dos grupos históricos, já que produzir a identidade coletiva e dentro dela uma consciência histórica específica e com ela sintonizada é um dado essencial a qualquer grupo humano que pretende sua continuidade, e nessa perspectiva, alimentação, memória, identidade e escravização se apresentavam como conceitos profícuos na construção dessa consciência histórica, a partir da aplicação dessa sequência didática aos alunos.

A relação entre a consciência histórica e a educação antirracista é íntima e indissociável, pois é a partir da compreensão e da tomada de consciência da chaga da escravização no Brasil e de suas consequências ainda substanciais e atuais, que se torna possível adotar uma educação que efetivamente combata o racismo. Esse tipo de educação também promove um cenário de reparação e justiça racial. A professora e escritora baiana Bárbara Pinheiro defende: “Compreendo como práticas antirracistas aquelas voltadas para a denúncia do racismo no sentido maior de sua reversão/destruição” (Pinheiro, 2023, p. 89).

Figura 6 – Educação Antirracista



Fonte: Jornal Daqui

Ao discutir a educação antirracista no Brasil, é essencial destacar a importância da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), incluindo os artigos 26-A e 79. Essa alteração tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em toda a Educação Básica (BRASIL, 2003).

A aprovação representa uma conquista histórica dos movimentos negros organizados, que, há décadas reivindicavam a inserção de conteúdos que valorizassem a trajetória, as contribuições e a resistência da população negra na formação da sociedade brasileira. Sua promulgação escancarou o preconceito racial no sistema educacional brasileiro, ao expor a forma limitada e equivocada com que, por muito tempo, se abordou a presença negra, frequentemente reduzida à condição de pessoas escravizadas.

Outra mudança importante gerada pela lei foi em relação aos livros didáticos, que, por muito tempo, apagaram a história do povo negro, sendo esses materiais, muitas vezes, os únicos livros disponíveis para os alunos de escolas públicas, o que acabava por contribuir com a continuidade dessa visão limitada e preconceituosa a respeito da história da África e dos africanos que aqui chegaram.

Com as mudanças geradas pela lei, a produção de conhecimento sobre a história da África, a escravidão e resistência, a diáspora africana e outros temas relacionados à chegada dos povos africanos ao Brasil e suas contribuições para a formação do país passou a ser mais valorizada e estudada. Gomes (2017, p. 38) destaca a importância de “produzir novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana”.

Figura 7 - A arte culinária na Bahia



Fonte: Amazon

As mudanças provocadas pela Lei 10.639/2003, ao determinar a valorização das contribuições dos africanos na formação da cultura brasileira, colocam a obra 'A Arte Culinária na Bahia' e seu autor, o intelectual e abolicionista negro Manuel Querino, numa posição de destaque.

A obra de Querino é pioneira na antropologia da alimentação no Brasil, além de inaugurar a literatura sobre culinária popular e visibilizar as contribuições dos povos africanos na formação cultural do Brasil. Conhecer o legado, a vida e as obras de Manuel Querino, um homem negro, descendente de escravizados, é uma forma de reconhecer sua importância histórica e promover respeito e admiração por um personagem com o qual os alunos negros podem se identificar.

Para Gomes (2012), processos identitários são construídos por meio das relações estabelecidas nos grupos sociais, por isso a autora enfatiza a importância de figuras como a de Querino, que contribuem positivamente para a construção da identidade negra.

Os espaços educacionais formativos devem oferecer práticas antirracistas, apesar dos obstáculos que possam surgir. Desconstruir, em sala de aula, uma estrutura tão sólida e longa quanto o racismo requer coragem e o envolvimento de toda a comunidade escolar. Esse coletivo precisa estar disposto a enfrentar os conflitos e desconfortos, uma vez que suas práticas antirracistas estarão respaldadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004).

Figura 8 – Educação antirracista



Fonte: APP-Sindicato

Proposta de Sequência Didática: “Penso, logo resisto”

Ao escolher o modelo de SD a ser utilizado não foram levadas em consideração apenas as habilidades e competências que o docente pretende desenvolver em seus alunos, mas também atender as expectativas de aprendizagem que estes estudantes têm em relação às temáticas a serem debatidas no decorrer das aulas ministradas. Independentemente do modelo escolhido, em uma perspectiva sociointeracionista, tais objetivos e necessidades são baseados nos seguintes princípios didáticos: valorização dos conhecimentos prévios dos alunos; ensino centrado na problematização; ensino reflexivo, com ênfase na explicitação verbal; ensino centrado na interação e na sistematização dos saberes; utilização de atividades diversificadas, desafiadoras e com possibilidade de progressão (das atividades mais simples às mais complexas), o que torna o aluno protagonista na construção do seu conhecimento.

De acordo com Zabala (1998, p. 18), sequências didáticas são:

➡ “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos [...]”.

Figura 9 – Planejamento BNCC



Fonte: Atividades Itinerantes

A sequência didática (SD) sugerida, com as devidas adaptações, pode ser aplicada à todas as séries do Ensino Médio, etapa final do ensino básico. Ela foi dividida em 5 etapas, onde cada etapa terá um objetivo definido, este dialogando com as competências e habilidades, específicas da área de Ciências Humanas, definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A seguir, competências e habilidade que foram selecionadas e contempladas ao longo da SD, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p. 570- 579):

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

(EM13CHS102)

Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS104)

Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS106)

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários e respeitando os Direitos Humanos.

(EM13CHS502)

Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503)

Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EM13CHS601)

Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo, considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

1ª ETAPA: ESCRAVIZAÇÃO AFRICANA, TRÁFICO, DIÁSPORA E CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS AFRICANOS NA FORMAÇÃO CULTURAL DO BRASIL

OBJETIVO:

Compreender o processo de escravização africana, o tráfico de pessoas escravizadas e a diáspora africana, analisando suas implicações históricas, sociais e culturais, além de refletir sobre as contribuições dos povos africanos na formação da cultura brasileira, reconhecendo suas contribuições nas artes, culinária, religião, linguagem e outras manifestações culturais.

TEMPO SUGERIDO: 2 aulas de 50 minutos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SEGUNDO BNCC:

Competências Específicas 1 e 5; Habilidades (EM13CHS102), (EM13CHS502) e (EM13CHS503).

CONTEÚDOS EXPLORADOS:

Escravidão africana, Tráfico transatlântico de escravizados, diáspora africana e contribuições dos povos africanos na formação cultural do Brasil.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

notebook, data show, caixa de som.

METODOLOGIA:

Aula expositiva dialógica, alternando exposição do conteúdo pelo professor, com a participação ativa dos estudantes.

A sugestão é que professor dividida o tempo de aula em três momentos, sendo eles:

➤ Introdução e interação:

Nesse momento o professor irá apresentar os temas aos alunos e ao mesmo tempo, sondar o que eles já se apropriaram sobre o que será debatido. É necessário levantar o conhecimento prévio dos estudantes, assim como, aguçar a curiosidade e a reflexão deles. Perguntas como: "como vocês imaginam que o tráfico de africanos impactou as culturas locais no Brasil?" ou "quais são algumas contribuições dos povos africanos que vocês conhecem na cultura brasileira e baiana?" podem ajudar a alcançar esses objetivos. Peça aos alunos que memorizem ou anotem os conceitos prévios que carregam antes dos conceitos teóricos serem apresentados no próximo momento.

➤ Conceituação e discussão:

Nesse momento o professor deve apresentar, com suporte de teóricos, os conceitos mais importantes sobre o tema da aula, que propositadamente, já constam no título dessa primeira etapa da sequência didática. A seguir, discuta com os alunos as semelhanças e diferenças entre os conceitos teóricos e o que eles apresentaram no início da aula.

➤ **Síntese e reflexão:**

Momento de reunir e sintetizar tudo que foi abordado ao longo desses 50 minutos de aula. É fundamental que o professor valorize o conhecimento prévio dos alunos, mas que também desconstrua preconceitos existentes, sem que haja um clima de desestímulo a futuras participações por parte do alunado.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

- Peça aos alunos que produzam um pequeno glossário sobre os conceitos apresentados durante a aula expositiva dialógica.
- Após a elaboração do glossário, peça que produzam um texto comparativo, entre o conhecimento prévio que dispunham, e o que internalizaram com as discussões e reflexões apresentadas a aula recém ministrada.
- O professor deve utilizar a sugestão da atividade de cada etapa para avaliar se o objetivo de aprendizagem proposto foi atingido pelos alunos, caso contrário, terá que reforçar as habilidades fragilizadas, preferencialmente, com a utilização de outra estratégia pedagógica. Outra opção, é utilizar o momento de 'introdução e interação', da etapa seguinte como avaliação diagnóstica em relação as habilidades que o alunos já se apropriaram, a partir de perguntas intencionadas com esse objetivo. Desta maneira, a SD vai se adequando ao ritmo de aprendizagem histórica dos estudantes, o que promoverá melhor aprendizagem histórica.

2ª ETAPA: MEMÓRIA INDIVIDUAL, SOCIAL E HISTÓRICA: NÃO SOMOS APENAS O QUE LEMBRAMOS, MAS TAMBÉM O QUE ESQUECEMOS

OBJETIVO DA ETAPA:

Compreender a importância da preservação do patrimônio material e imaterial e sua relação com a construção da memória humana, tanto em sua dimensão individual quanto social, assim como compreender e refletir, que o que lembramos e o que esquecemos, contribuem para a formação da identidade pessoal e coletiva.

TEMPO SUGERIDO: 1 aula de 50 minutos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SEGUNDO BNCC:

Competência Específica 1; Habilidades (EM13CHS102) e (EM13CHS104).

CONTEÚDOS EXPLORADOS: Patrimônio, Memória, Cultura.

RECURSOS NECESSÁRIOS: notebook, data show, caixa de som.

METODOLOGIA:

Aula expositiva dialógica, alternando exposição do conteúdo pelo professor, com a participação ativa dos estudantes. A sugestão é que professor dividida o tempo de aula em três momentos:

➤ Introdução e interação:

Nesse momento o professor irá apresentar os temas aos alunos e ao mesmo tempo, sondar o que eles já se apropriaram sobre o que será debatido. É necessário levantar o conhecimento prévio dos estudantes, assim como, aguçar a curiosidade e a reflexão deles.

Pergunte aos alunos se eles sabem a diferença entre memória e lembrança. Em seguida, questione-os se eles conseguem diferir a memória individual, social e histórica. Por último, pergunte aos alunos a relação entre o título da aula 'não somos apenas o que lembramos, mas também o que esquecemos' com a importância de se preservar o patrimônio material e imaterial de um povo.

➤ Conceituação e discussão:

Nesse momento o professor deve apresentar, com suporte de teóricos, os conceitos mais importantes sobre o tema da aula. Vale ressaltar que, assim como na etapa anterior, os conteúdos propostos a serem trabalhados já demonstram os conceitos mais relevantes que devem ser abordados e discutidos.

Durante a discussão, peça aos estudantes que deem exemplos de memórias individuais e sociais que possuam, bem como de patrimônios materiais e imateriais que eles conheçam. Ao fim, traga a discussão sobre a disputa entre o acarajé das baianas, tombado como patrimônio imaterial pelo IPHAN) e o "acarajé de Jesus" (vide capítulo 2, p. 41-43).

➤ Síntese e reflexão:

Retome e organize todas as ideias que foram expostas e discutidas até então. Faça com que reflitam sobre como o campo da memória é disputado, tanto em relação ao que querem que lembremos, assim como, o que desejam que esqueçamos.

Questione-os sobre alguma memória que eles não possuam mais, senão, com o suporte do seu grupo social (família, amigos etc.) e os motivos para esse "apagamento" ter ocorrido.

A seguir, provoque emoções em sua turma, ao pedir que pensem em um lugar que os remeta a uma memória afetiva, e em seguida, pergunte: como eles se sentiriam se esse lugar desaparecesse? Com o passar do tempo, sem a preservação daquele lugar de memória, aquela memória iria permanecer intacta ou iria se enfraquecer? Caso a aquela memória fosse totalmente apagada, eles continuaram sendo os mesmos (identidade) ou uma parte do que eles são se perderia também?

Por fim, diga que a pessoa mais velha do seu grupo social também é um patrimônio do tipo imaterial, que carrega consigo uma série de memórias e saberes.

Questione: se por acaso, essa pessoa deixar o seu grupo social por algum motivo, você acredita que já absorveu todas as memórias importantes que este "patrimônio" tem a te oferecer?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:



Fonte: O Globo

Peça aos estudantes que ao chegarem em suas casas procurem algum membro mais velho ou uma referência ancestral entre o seu grupo, para um “bate-papo”. Peça que nessa conversa informal, façam perguntas sobre memórias que eles ainda não compartilharam e que o estudante gostaria de saber

Abaixo constam algumas sugestões de perguntas sobre ancestralidade e identidade que o professor pode utilizar, mas o ideal é deixar com que os estudantes tenham autonomia sobre o que perguntar, a partir do que julgam ser importante saber, até porque a construção da identidade, ao mesmo tempo que é um processo cultural, social e familiar, é para além de tudo isso, individual.

➤ Sugestões de perguntas para essa conversa:

1- Quais são as origens da nossa família? De onde vieram os nossos ancestrais?

2- Tem alguma tradição e costumes da nossa família quando você era mais jovem que ainda são mantidas em nossa família?

3- Como era a casa que você viveu na sua infância?

4- Tem algum lugar que você não vai há muito tempo, mas que ainda preserva uma memória afetiva sobre ele? Se sim, pode me contar essa memória?

5- Você tem alguma lembrança de festas ou celebrações especiais que eram tradicionais em nossa família?

6- Quais eram as comidas típicas da nossa família quando você era mais jovem? Qual era a sua comida preferida quando criança? Existe alguma receita que foi passada de geração em geração?

7- Quais valores ou lições você aprendeu com seus pais ou avós e que você tenta passar para as próximas gerações?

8- Você acha que é importante manter viva a história da nossa família e passá-la para as próximas gerações? Por quê?

3ª ETAPA: “VOZ DA COMIDA”

A ALIMENTAÇÃO E SUAS REPRESENTAÇÕES UTILIZADAS COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA À ESCRAVIZAÇÃO DOS POVOS AFRICANOS NO BRASIL

Figura 11 – Alimentação e representações sociais



Fonte: Portal Gov.br

OBJETIVO DA ETAPA: Compreender o alimento como uma representação social e que os saberes alimentares de matriz africana foram utilizados como formas de resistência cultural e preservação de memória identitária durante a escravização no Brasil.

TEMPO SUGERIDO: 2 aulas de 50 minutos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SEGUNDO A BNCC:

Competências Específicas 1, 5 e 6; Habilidades (EM13CHS102), (EM13CHS104), (EM13CHS502), (EM13CHS503) e (EM13CHS601).

CONTEÚDOS EXPLORADOS: Teoria das Representações Sociais, História da Alimentação e Escravização e Estratégias de Resistência.

RECURSOS NECESSÁRIOS: notebook, data show, caixa de som.

METODOLOGIA: Aula expositiva dialógica, alternando exposição do conteúdo pelo professor, com a participação ativa dos estudantes. A sugestão é que professor divida o tempo de aula em três momentos, sendo eles:

- **Introdução e interação:** Para iniciar esse momento, sugiro a apresentação do conceito de nutricídio a partir do vídeo do canal do YouTube, ‘Papo Reto’, onde a Professora e Doutora Aza Njeri apresenta e contextualiza esse conceito a partir da realidade do povo negro do Brasil (NJEIRI (2022)).

A partir da exposição do conceito de **nutricídio**, compreendemos que o racismo também se manifesta na tentativa de apagar os modos de vida e os saberes ancestrais dos povos africanos, especialmente por meio da negação e desvalorização de sua cultura alimentar. Discutimos como os alimentos de matriz africana, presentes até hoje em nossas mesas (como o azeite de dendê, o acarajé, o feijão preto, entre outros), carregam narrativas de resistência, memória e identidade. Por meio da teoria das **representações sociais**, vimos que a comida também comunica: ela fala sobre quem somos, de onde viemos e sobre as lutas que nossos ancestrais travaram para manter vivos seus costumes, mesmo sob condições de escravidão e violência. A **hibridização alimentar**, por sua vez, mostra que, apesar das imposições e apagamentos históricos, a presença africana permanece viva e resiste no cotidiano do povo brasileiro por meio da culinária. Conclua com uma roda de conversa com os alunos realizando algumas provocações em forma de perguntas, que serão sugeridas a seguir:

– Perguntas sugeridas para a roda de conversa:

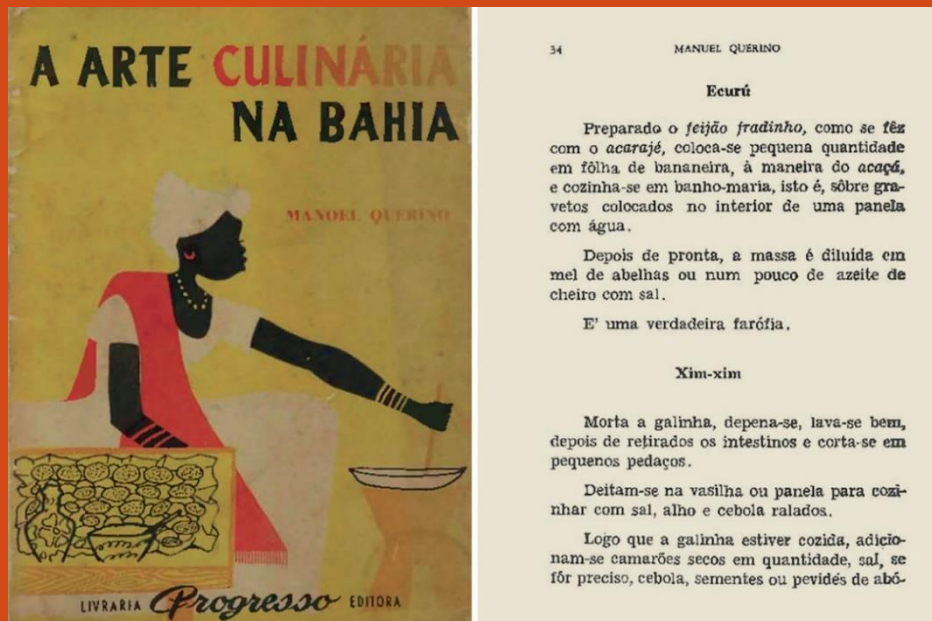
- 1- O que a comida que consumimos todos os dias pode nos ensinar sobre a nossa história?
- 2- De que forma a cultura alimentar pode ser vista como forma de resistência?
- 3- Vocês conseguem identificar elementos da cultura alimentar africana nas refeições da sua casa?
- 4- O que muda na nossa compreensão da história do Brasil quando reconhecemos a importância dos saberes alimentares afro-brasileiros?



Elaboração de um texto do tipo narrativo intitulado 'Eu sou o que como: alimentação, memória e ancestralidade'. O aluno descreverá um alimento que o remeta a uma memória ancestral, preferencialmente, a uma memória sobre um alimento utilizado pelo seus ancestrais numa situação de dificuldade, como um recurso para enfrentar esse obstáculo. Se necessário, para preencher lacunas dessa memória, o aluno poderá recorrer novamente a um membro mais velho do seu grupo social (país, avós, tios, ou outras referências). Ele também terá que descrever qual lembrança é acionada quando ele se depara com aquele alimento, e se é uma memória que ele vivenciou ou se é emprestada pelo grupo social que ele participa. No fim, o aluno deverá nesse relato pessoal deixar claro qual (ais) mensagens aquele alimento diz a ele, ou seja, como o seu grupo social representa aquela comida.

4ª ETAPA: MANUEL QUERINO E 'A ARTE CULINÁRIA DA BAHIA' – MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Figura 13 – Obra A Arte Culinária no Brasil



Fonte: Revista Pesquisa Fapesp

OBJETIVO DA ETAPA:

Analisar trechos da obra 'A Arte Culinária da Bahia', de Manuel Querino, compreendendo a sua importância na valorização dos saberes alimentares afro-brasileiros, na preservação da memória dos povos africanos e na construção de uma identidade cultural resistente à escravização e ao racismo.

TEMPO SUGERIDO: 2 aulas de 50 minutos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SEGUNDO A BNCC: Competências Específicas 1, 5 e 6 e Habilidades (EM13CHS102); (EM13CHS102); (EM13CHS104); (EM13CHS106); (EM13CHS502) e (EM13CHS601).

CONTEÚDOS EXPLORADOS: História da alimentação afro-brasileira, Manuel Querino e a produção de conhecimento antirracista e Contribuições dos povos africanos na formação cultural do Brasil.

RECURSOS NECESSÁRIOS: Trechos selecionados do livro 'A Arte Culinária da Bahia' (impressos ou projetados), data show, caixa de som e, se possível, uma versão impressa da referida obra.

METODOLOGIA: A abordagem pedagógica crítica e participativa, alinhada ao pensamento freiriano, que vai além da simples aprendizagem de receitas e conecta a alimentação ao processo histórico, cultural e de resistência. A etapa é dividida em três momentos, sendo eles:

- **Apresentação:** Apresente brevemente a figura de Manuel Querino: intelectual negro, baiano, abolicionista, pesquisador das culturas afro-brasileiras. Se estiver com a obra 'A Arte Culinária da Bahia' mostre a capa aos alunos e em seguida, deixa que o livro passe de mão em mão e enquanto isso, questione-os: Por que vocês acham que um intelectual escreveria um livro sobre receitas? Vocês já ouviram falar em Manuel Querino? Esse livro é só sobre comida? Que memórias ele carrega? O que muda quando reconhecemos intelectuais negros como autores da cultura nacional? É o momento de conhecerem esse importante intelectual negro, assim como, de relacionarem a obra com os saberes adquiridos nas etapas anteriores.

➤ **Leitura e discussão dos trechos:**

Faça uma leitura coletiva a partir de trechos selecionados da obra (escolha 2 a 3 receitas acompanhadas dos comentários históricos e culturais que Querino faz). Opte por receitas de alimentos que ainda hoje fazem parte da culinária popular brasileira, como o acarajé e a moqueca, e por conseguinte, são conhecidos pela maioria dos estudantes. Demonstre como suas receitas e modos de preparo se alteraram com o tempo, exemplificando rupturas e continuidades, e retomando o conceito de hibridismo alimentar (sincretismo).

➤ **Análise crítica da fonte histórica (obra) e reflexão:**

Analise a obra de Querino relacionando-a com as discussões anteriores (escravização, diáspora africana, chegada de alimentos africanos, estratégias de resistência, memória, alimentação e representação social. Deixe claro o vínculo das receitas apresentadas com a resistência ao colonialismo e à escravização dos povos africanos no Brasil. O aluno precisa ser provocado a interpretar a experiência do passado, a partir do livro do intelectual baiano, para compreender o presente, racismo, invisibilidade da cultura negra no Brasil, e assim orientar suas ações na vida prática, com a intencionalidade de combater o racismo, ou seja, ter uma postura antirracista. Por fim, a fim de **promover uma reflexão sobre a obra e internalização dos conceitos apresentados**, é sugerido a formação de roda de conversa mediada pelo professor. O professor deve fazer perguntas provocativas que permitam que os alunos relacionam a obra com os conceitos já estudados, e sempre que possível, aproximar da realidade vivenciada por eles.

As perguntas a seguir são sugestões que podem ser modificadas de acordo com a realidade e interação dos estudantes:

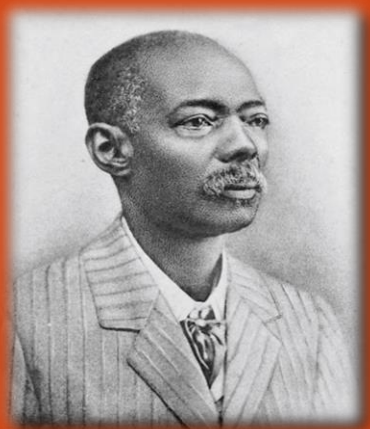
- 1- Ainda hoje é comum em algumas cidades, como Salvador e Recife, a presença de mulheres negras produzindo e comercializando comidas típicas nas ruas. A obra de Querino valoriza os saberes das mulheres negras, cozinheiras e quituteiras como transmissoras de conhecimento ancestral?
- 2- O que essas receitas revelam sobre a luta pela preservação da memória e identidade afro-brasileira? Como essa obra contribui com o combate ao apagamento cultural que o povo negro é vítima em nosso país?
- 3- Em que medida, essa obra se assemelha com a atividade sugerida na 3ª etapa, em que vocês tiveram que conversar com alguém mais velho do seu grupo social para obter informações sobre suas ancestralidades?

4- A comida da elite branca da época era a mesma apresentada por Manuel Querino em sua obra? E hoje em dia, a elite, ainda majoritariamente branca, consome os mesmos alimentos que a população pobre, que ainda é majoritariamente negra? Explique sua resposta.

5- Tem alguma receita no livro discutido que atualmente ninguém mais conhece? Como esse apagamento se conecta com o conceito de nutricídio?

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Figura 14 – Retrato de Manuel Querino



Fonte: Pesquisa Fafep

Elaboração de uma minibiografia do intelectual Manuel Querino com ênfase no seu legado na luta a escravização dos povos afro-brasileiros, como também nas profícuas contribuições desses povos na formação cultural do Brasil. O professor deverá elucidar aos alunos que, assim como uma biografia tradicional, o texto irá narrar sobre a vida de uma pessoa, seus feitos, levando em consideração as dimensões espaço e tempo. No entanto, a minibiografia, diferentemente da

tradicional, é mais sucinta, e se resume a apenas um parágrafo.

Para que a produção atenda seu objetivo pedagógico, e se limite a apenas um parágrafo, o professor deverá sugerir tópicos que irão nortear as pesquisas dos estudantes.

Sugestão de tópicos a serem abordados:

- onde e quando nasceu;
 - seu legado na luta pela abolição da escravização no país;
 - principais obras direcionadas a valorização das contribuições do povo negro na formação cultural do Brasil.
- A elaboração da minibiografia irá proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda sobre a importância de Manuel Querino como intelectual negro na luta contra a escravização e na valorização das contribuições culturais dos povos afro-brasileiros.
- A partir dessa atividade, os estudantes serão desafiados a investigar e sintetizar aspectos chave da vida e obra de Querino, ressaltando sua relevância histórica e cultural, além de compreenderem o seu o legado.

5ª ETAPA: “COMO, LOGO, RESISTO”: PORTFÓLIO DE RECEITAS ANCESTRAIS

OBJETIVO DA ETAPA:

A última etapa da SD, visa integrar as aprendizagens desenvolvidas ao longo do processo, promovendo a reflexão crítica sobre a história da alimentação afro-brasileira, a resistência cultural dos povos africanos, a importância da preservação da memória ancestral e as contribuições dos saberes alimentares na formação da identidade brasileira. Nessa etapa, os conhecimentos adquiridos serão consolidados e internalizados, por meio da prática e da reflexão individual e em grupo, fortalecendo a consciência histórica e a educação antirracista.

TEMPO SUGERIDO:

2 aulas de 50 min para organizar o material de forma coletiva e um turno inteiro para a exposição do portfólio para a comunidade escolar.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES SEGUNDO A BNCC:

Essa etapa visa trabalhar todas as competências e habilidades propostas pelas etapas anteriores.

CONTEÚDOS EXPLORADOS:

Todos os conteúdos já estudados nas etapas anteriores.

RECURSOS NECESSÁRIOS:

Folhas de papel A4; cartolina; impressões para a confecção do portfólio; recurso financeiro para a produção de banners ou de cartazes para a exposição.

METODOLOGIA:

A culminância da SD será a elaboração de um portfólio de receitas ancestrais que simbolizem a resistência a escravização dos povos africanos, com o título “Como, logo, resisto”. Os estudantes farão o momento inicial de forma individual e em seguida, com o auxílio do professor, irão reunir todas essas receitas de forma organizada e coletiva, na elaboração de um portfólio.

Por fim, o professor e seus alunos irão organizar uma exposição dessas produções na comunidade escolar, utilizando banners ou cartazes de cartolina.

- Se o colégio onde a SD for aplicada dispor de estrutura e profissionais capacitados para tal, com salas de é sugerível a criação de uma oficina de culinária afro-brasileira. Essa oficina irá proporcionar aos alunos a experiência prática de preparar um prato tradicional afro-brasileiro, relacionado com as receitas de Manuel Querino, ao mesmo tempo em que promovem o reconhecimento e a valorização da cultura alimentar afro-brasileira. Assim, a exposição final, poderá contar com alimentos produzidos pelos próprios estudantes.
- Como sala de aula culinária não é uma realidade na maioria dos colégios públicos do país, a escolha foi fazer uma exposição com as memórias individuais (prefácio), receitas ancestrais e imagens impressas desses alimentos, em banners ou cartazes de cartolina.

SUGESTÃO DE ROTEIRO:

No primeiro momento, de forma individual, o material produzido será composto por:

- O prefácio que será o texto elaborado pelo estudante na atividade intitulada 'Eu sou o que como: alimentação, memória e ancestralidade'. O texto será utilizado mesmo que ele traga uma receita que não possua raízes africanas, pois, o objetivo é que o estudantes reconheçam a importância da preservação da como elemento constituinte de suas identidades. Oriente que, ao final do texto já elaborado, os estudantes relatem como essa memória sobre alimentação os ajudou a entender melhor sobre sua ancestralidade e identidade, a importância de preservar e transmitir essa memória aos seus filhos, e como ele é cruel saber que muitos descendentes de africanos, por conta da escravização e racismo, tiveram parte de suas memórias ancestrais apagadas. A ideia é preparar o texto para a importância de preservar a receita ancestral africana que será apresentada a seguir.
- **No segundo momento**, os alunos serão convidados a pesquisar uma receita de origem africana (ou afro-brasileira) que tenha significado para suas famílias ou para a história da sua comunidade. Poderão, se assim desejarem, entrevistar novamente um membro da família ou do seu grupo social, se não for possível as opções anteriores, podem pesquisar um alimento que represente essa ancestralidade africana mesmo que sem conexão com as suas identidades.

➤ VALE RESSALTAR

O livro de Manuel Querino também servirá de fonte para a produção do portfólio, no entanto, a ideia é priorizar receitas que, a partir da continuidade histórica, ainda estejam presentes nas refeições do povo negro brasileiro, mesmo que com adaptações no modo de preparo, ingredientes ou utensílios, mas que ainda assim, são representados como um alimento da culinária afro-brasileira, como símbolos de uma memória ancestral africana, ferramenta fundamental na construção de identidades afrocentradas.

➤ Cada receita deve ser apresentada com os seguintes elementos:

Nome do prato:

Exemplo: Acarajé, Vatapá, Feijão Preto, etc.;

Origem:

País de origem e/ou grupo étnico africano relacionado);

Ingredientes:

Lista dos ingredientes necessários e a origem de cada ingrediente;

Modo de preparo na cozinha contemporânea:

Passo a passo claro e detalhado;

Modo de preparo tradicional:

Como nossos ancestrais preparavam aquele alimento;

História e significado cultural:

Texto explicativo sobre como aquela receita simboliza resistência, preservação cultural e identidade afro-brasileira. Aqui conceitos como patrimônio material e imaterial, memória, ancestralidade, representação social, resistência à escravização, 'voz da comida' e nutricídio devem ser utilizados e sistematizados pelos estudantes;

Imagens ou ilustrações:

Opcional, pode ser uma foto do alimento, ilustrações dos ingredientes ou processo de preparação.

- **Ao término dessa atividade individual**, o professor deverá se reunir com os estudantes para elaborarem um texto introdutório (apresentação) para o portfólio, além de uma imagem que ilustrará a capa.
 - O título sugerido **“Como, logo, resisto”** deve ser discutido com os estudantes e alterado, se assim a maioria decidir, deixando claro o protagonismo deles em todo processo da aprendizagem, assim como, na confecção do produto.
-
- Após finalizado, o portfólio será disponibilizado na biblioteca do colégio para os demais alunos possam consultá-lo sempre que desejarem, visibilizando a história e contribuições dos povos africanos na formação cultural do país.
 - Esse produto não é apenas uma reunião de receitas, mas, de histórias de luta, resistência, ancestralidade e identidades.
 - O alimento tem muito a nos dizer, basta que saibamos ouvir a ‘voz da comida’.

BARRETO, Raquel. **“Uma pensadora brasileira”**. Revista Cult, 03 de julho de 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/lelia-gonzalez-perfil/>. Acesso em: 06 jun. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em 05 Jul. 2025.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 02 Jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC, 2017, p.570-579.

CERRI, Luis. Fernando. **Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história**. Revista de História Regional 6(2): 93-112, Inverno 200.

GAIDARGI, Alexandra Maria Martins. **Gastronomia Dialógica**. **Revista Brasileira de Gastronomia**, Florianópolis, v. 5, p. 01-12, 2022. Disponível em: <http://rbg.sc.senac.br/index.php/gastronomia/article/view/117>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GERMINARI, D. G. **Reforma do Ensino Médio no Brasil: o Caso da Disciplina de História e as Implicações para Aprendizagem Histórica**. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 13, n. 33, p.254-269 jan./abr. 2018.

GOMES, Nilma. Lima. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. **Ensino de História: fontes e linguagens para uma prática renovada**. Vidya, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez. 2005.

NJEIRI, Aza. **Nutricídio: A Morte Silenciosa do Povo Negro**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RrUw2zr8jB0>. Acesso em: 2 ago. 2025., 2023, p. 89.

PINHEIRO, Bárbara. Carine. Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023, p. 89.

RAMOS, Fábio Pestana. Alimentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Novos temas nas aulas de História**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 95-118.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica, teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

